

VIOLÊNCIAS
gênero, famílias
e gerações

volume I

SANDRA LEILA DE PAULA
(organizadora)

VIOLÊNCIAS
gênero, famílias
e gerações

volume 1

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Violências : gênero, famílias e gerações, volume I / Sandra Leila de Paula, (organizadora). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2013.

Vários autores.

ISBN 978-85-7591-296-6

1. Crianças e violência 2. Juventude e violência 3. Violência – Aspectos sociais 4. Violência familiar 5. Violência contra mulheres 6. Violência sexual 7. Vítimas de violência familiar I. Paula, Sandra Leila de.

13-11213

CDD-362.8292

Índices para catálogo sistemático:

1. Violência familiar : Problemas sociais 362.8292

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

Este livro contou com apoio financeiro do CNPq
para a sua publicação

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

outubro/2013

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei

Agradeço

*à toda equipe de pesquisa que colaborou
para que esse trabalho fosse realizado*

*ao CNPq e à Secretaria de Política para as Mulheres pelo
financiamento que tornou viável a realização do nosso trabalho*

*à todos os profissionais que nos assessoraram na direção da
publicação desse trabalho, em especial, Maria Elisa*

*às autoras que vieram enriquecer a nossa reflexão e nos
contemplaram com seus trabalhos importantes*

*à minha família e todos que me apóiam sempre,
especialmente minha mãe Lourdes e minha irmã Luciane.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
<i>Sandra Leila de Paula</i>	
VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES ADULTAS EM UBERLÂNDIA: UM ESTUDO DE CASO	15
<i>Sandra Leila de Paula e Fabíola Prado de Moraes</i>	
A FAMÍLIA E A DEVOLUÇÃO DE CRIANÇAS: ENTRE A ADOÇÃO SONHADA E A VIOLÊNCIA DA RECUSA	41
<i>Shimênia Vieira de Oliveira Cruz e Anamaria Silva Neves</i>	
VIOLÊNCIA CONTRA AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM UBERLÂNDIA: UMA DISCUSSÃO APROXIMADA	63
<i>Sandra Leila de Paula e Clélia Arleth da Costa</i>	
A PROPÓSITO DO IMPACTO DA RECOMPOSIÇÃO FAMILIAR NAS CRIANÇAS E NOS JOVENS	91
<i>Cristina Cunha Mocetão</i>	
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E PARRICÍDIO: QUANDO OS FILHOS MATAM	129
<i>Isabel Dias</i>	

AÇÃO SOCIAL E INSTITUIÇÕES: ELEMENTOS DE
TEORIA NA DISCUSSÃO SOBRE OS COMPORTAMENTOS
FACE AO IDOSO NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS. 145

Alexandra Lopes

ENVELHECIMENTO, IDADISMO E GESTÃO DA IDADE
NO PROLONGAMENTO TEMPORAL DA ATIVIDADE
PROFISSIONAL FACE À APROXIMAÇÃO DA REFORMA:
PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES 167

Marianela Ferreira

SOBRE AS AUTORAS 197

INTRODUÇÃO

A presente coletânea foi organizada a partir do projeto financiado pelo CNPq e Secretaria das Mulheres denominado “Violência Doméstica e Sexual contra Mulheres: Análise de Registros dos Casos no Hospital das Clínicas/UFU no período de 2004 a 2010” que, inicialmente teria a duração de 2 anos (2010-2012), mas pela complexidade na coleta de dados sobre violência doméstica foi estendido até 2013.

Embora no nível do senso comum essas violências sejam muito anunciadas, há uma invisibilidade da violência doméstica e sexual no contexto das violências, tornando-se um desafio aprofundar um estudo de base qualitativa sobre violência doméstica e sexual contra a mulher e as repostas produzidas no serviço de saúde em relação a este fenômeno.

Buscamos com esta pesquisa, observar o cumprimento das normas estabelecidas para o procedimento de atendimento prestado às vítimas de violência doméstica e familiar, relacionando os discursos registrados nos prontuários das pacientes que informam sobre a atuação profissional na assistência à essas violências e as repostas oferecidas para o enfrentamento da problemática no contexto da emergência/urgência

Para tal, utilizamos o material registrado nos prontuários do HC/UFU, com vistas a catalogar, quantificar e analisar os

dados, bem como tentar compreender o tratamento dessa questão no período de 11/2004 a 12/2010.

Escolhemos esse período, pois a partir da publicação da Lei nº 10.778, de 24 de novembro de 2003 que estabelece a notificação compulsória, em território nacional, dos casos de violência contra a mulher que forem atendidos em serviços de saúde públicos ou privados, teríamos um marco diferenciador no tratamento da questão da violência doméstica e sexual em relação às mulheres

A relevância de estudos sobre a violência doméstica e sexual é socialmente conhecida e merece algumas considerações importantes.

Nos últimos anos, a sociedade brasileira entrou no grupo das sociedades mais violentas do mundo. Hoje, o país tem altíssimos índices de violência urbana (violências praticadas nas ruas, como assaltos, sequestros, extermínios etc.); violência doméstica (praticadas no próprio lar); violência familiar e violência contra a mulher, que, em geral, é praticada pelo marido, namorado, ex-companheiro etc.

Em 2001, a Fundação Perseu Abramo mostrou que: uma em cada cinco brasileiras já foi agredida por um homem e pelo menos 6,8 milhões de mulheres, no Brasil, já foram espancadas pelo menos uma vez, sendo que, no mínimo, 2,1 milhões de mulheres são espancadas por ano – ou uma a cada 15 segundos!

A Pesquisa sobre Violência Doméstica Contra a Mulher, realizada pelo Data Senado, em 2007, acrescenta que: para 35% das mulheres agredidas no Brasil, a violência doméstica começa por volta dos 19 anos; ao menos para 28% delas, os atos de agressão se repetem e as causas da violência doméstica normalmente estão associadas a ciúme e embriaguez do parceiro.

Das mais de 20 mil denúncias feitas à Central de Atendimento à Mulher (Ligue 180), em julho de 2007: 73% se referiam à violência praticada pelo marido; 59% alegaram sofrer agressões diárias; 70% sentem correr risco de espancamento

ou morte e 57% afirmaram que os agressores faziam uso de entorpecentes.

Em média, 18 mil crianças são vítimas de violência doméstica por dia no Brasil. Os dados, apresentados pela Sociedade Internacional de Prevenção ao Abuso e Negligência na Infância (Sipani), representam 12% das 55,6 milhões de crianças menores de 14 anos. Frente a esta realidade, não há muito para comemorar neste Dia Mundial contra a Agressão Infantil, celebrado ontem.

Dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) mostram que 80% das agressões físicas contra crianças e adolescentes foram causadas por parentes próximos. Ainda de acordo com o Unicef, de hora em hora morre uma criança queimada, torturada ou espancada pelos próprios pais.

No Rio de Janeiro, de acordo com a delegada Renata Teixeira Dias, responsável pela Delegacia de Proteção a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência (Decav), cerca de 40% de todas as ocorrências registradas por mês nas delegacias do Estado são de agressão infantil. Ainda segundo a delegada, apenas 1% das denúncias são feitas pelas vítimas.

Em todo o Brasil existem apenas 307 delegacias especializadas de atendimento à mulher (que favoreceriam a queixa e busca de ajuda) e só nas cidades do Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Goiânia, Fortaleza e Porto Alegre existiam casas-abrigo e mais 35 outras de menor porte, para abrigar temporariamente a mulher e filhos(as) quando ameaçados de morte e em risco de vida, sem terem para onde ir. (Conselho Nacional dos Direitos da Mulher/2001).

As relações de violência entre homens e mulheres ocorrem em todas as classes sociais, raças e etnias. A classe média é mais afetada que os grupos mais abastados, porém os últimos não denunciam, muitas vezes, por terem um “status” a preservar e receiam escândalos e somente 1/3 das relações de violência entre os sexos é denunciado.

No Brasil, 70% dos casos de incidentes violentos devem-se ao espancamento de mulheres por seus companheiros. Os agressores escapam de penas alegando ter agido “sob forte emoção”; e 50% dos assassinios de mulheres são cometidos por seus parceiros.

Há uma média de 2,1 milhões de mulheres espancadas por ano, 175 mil por mês, 5,8 mil por dia (Human Rights Watch/96 e Pesquisa Nacional da Fundação Perseu Abramo/2001 e revisão 2002).

Foram registradas 239.530 queixas nas Delegacias de Defesa da Mulher do Estado de São Paulo no ano de 1998. (DDM/98) Dos 115.000 processos criminais analisados, do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, em tramitação, durante o primeiro semestre de 1995, 17.625, ou seja, 15% são de crimes contra a mulher e 41,55% desses, constituem-se lesões corporais – agressões físicas e espancamentos. Os homicídios representam 13,92% e atingem na maioria mulheres entre 18 e 35 anos. Os crimes de estupro representam 11,88% dos processos. Na maioria das vezes o réu é o marido, o companheiro ou parente próximo da vítima (Comissão Especial da Assembleia Legislativa de Minas Gerais/95).

Assim, compreendemos ser de fundamental importância para a compreensão do problema da violência e da temática de gênero, pensarmos sobre violência doméstica e sexual contra mulheres, uma vez que elas e as crianças são as principais vítimas desse processo.

Entre as várias formas de expressão da violência estão a física, a sexual, a psicológica e a negligência. A primeira consiste no uso intencional, não acidental da força, através de agressões, tapas, murros, maus tratos e espancamentos. A violência sexual é vista como um abuso do poderio exercido sobre determinada vítima sem seu consentimento como carícias indesejadas, incesto, exploração sexual, exibicionismo, pornografias infantis e estupro. A violência psicológica é caracterizada por desrespeito, verbalização inadequada, humilhação, ofensas, intimidações, traição, ameaças de morte e de abandono emocional e material,

resultando em sofrimento mental. Por fim, temos a negligência como uma forma de omitir o atendimento das necessidades básicas (Guerra 1998; Braghini 2000).

A violência intrafamiliar difere do conceito de violência doméstica por incluir outros membros do grupo parental, que convivem no espaço doméstico. Entre os fatores de risco da violência intrafamiliar, há componentes associados à família, à relação do casal, à criança, ao idoso e à deficiência. A família, como grupo de pessoas com vínculos afetivos, de consanguinidade ou de convivência, tem a função primordial de socialização de seus membros. Essa função é exercida num contexto dinâmico de organização e de relação e poder. Nesse contexto emergem: distribuição desigual de autoridade e poder entre os membros da família; relação centrada em papéis e funções rigidamente definida ou, ao contrário, indiferenciação dos papéis com apagamento de limites entre os membros; ambiente estressante: dificuldade de diálogo com pobre interação social; descontrole e agressividade; situações de crises ou perdas (morte, separação etc.); baixo nível de desenvolvimento da autonomia dos indivíduos; histórico de violência familiar nas famílias de origem das pessoas envolvidas; uso e abuso de drogas; presença de antecedentes criminais; uso de armas; comprometimento psicológico/psiquiátrico dos indivíduos; dependência econômica/emocional e baixa autoestima entre os membros da família. Todos esses fatores predisõem à violência.

Assim, pudemos rapidamente entrar em contato com a gama de complexidades que constitui esse assunto e por isso resolvemos organizar essa coletânea de trabalhos, a fim de tratarmos das violências correlatas à violência doméstica e sexual.

Como rapidamente apontamos a violência é um fenômeno complexo, multicausal e relacionado, que implica em inúmeros processos e relações desde as mais íntimas às mais ampliadas, culturais e sociais, desde as afetivas às políticas públicas, entre estruturas sociais, políticas, culturais, gerações, gêneros, instituições etc., perpassando a sociedade de forma geral.

Por esse motivo, além de apresentarmos os nossos dados de pesquisa e refletirmos sobre eles, optamos por elaborar a presente coletânea que tratará do nosso trabalho, mas também de assuntos e violências correlatas à violência doméstica e sexual.

O primeiro volume, intitulado *Violência: gênero, famílias e gerações*, tratará das violências praticadas na família, contra mulheres, crianças, adolescentes e idosos e terá as nossas primeiras reflexões sobre violência sexual contra mulheres.

No segundo volume, intitulado *Violências: culturas, identidades e sociabilidades*, trabalharemos com artigos que tratem da violência contra as identidades repletas de elementos da cultura em processos inclusivos e excludentes desses sujeitos.

No terceiro volume, intitulado *Violências: educação e instituições*, trataremos de processos violentos tanto física quanto simbolicamente introjetados e praticados nas instituições em suas variadas formas, além de fecharmos a coletânea com nossos dados e reflexões sobre violência doméstica.

Esperamos que com esse trabalho possamos dar maior visibilidade à complexidade do processo e da prática da violência em geral e da violência doméstica e sexual contra as mulheres.

Agradecemos aos autores e autoras dessa coletânea que tão substancialmente colaboraram com o nosso projeto e as nossas reflexões, bem como aos nossos financiadores CNPq e Secretaria de Política para as Mulheres, sem os quais esse trabalho não poderia ser realizado, na direção da superação da invisibilidade das violências.

Sandra Leila de Paula

Referências

- BRAGHINI, L. (2000). *Cenas repetitivas de violência doméstica*. Campinas: Unicamp.
- GUERRA, V. N. A. (1998). *Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada*. São Paulo: Cortez.